**A casa e o mundo: identidade e reconhecimento**

Maria Teresa Santos

Universidade de Évora/Departamento de Filosofia

RG- PPS /GFE/Instituto de Filosofia UPorto

Um dos desafios do multiculturalismo consiste em abrir a construção da nossa própria identidade e estar aberto à diversidade das identidades. A realização desta abertura cultural exige reconhecimento quer dos nossos preconceitos e estereótipos quer das raízes de cada identidade, sem nada marginalizar. Um trabalho de paciente e profunda mediação, não só de compreensão do outro e da sua visão do mundo mas também de compreensão de que se vive num só mundo, que é uma casa comum com muitas moradas. Todavia há uma questão que põe à prova a nossa capacidade de aceitação multicultural: até que ponto a nossa tolerância aceita o intolerante, aquele que, radicalmente fechado na sua identidade, provoca a dignidade e o bem-estar dos outros?

**Palavras-chave**: Multiculturalismo, reconhecimento, intolerância.

**Ponto prévio**

Saúdo a Organização deste encontro pela escolha do tema, tão actual e tão inquietante. Agradeço, em particular, ao Professor Marcelino de Sousa Lopes ter-me convidado para participar com uma intervenção. Interpretei a proposta interventiva como uma reflexão a pôr à discussão e, por conseguinte, de estrutura formal menos académica. O texto visa confrontar-se com questões decorrentes da dupla configuração da sociedade ocidental contemporânea: aberta e multicultural; zelosa dos seus direitos sociais e individualista.

**1. Reconhecer outras identidades: o obstáculo do intolerante intolerável**

A sociedade contemporânea, entre outras características, distingue-se das anteriores pela imediatez da deslocação humana e da comunicação inter-humana. Rapidamente se está aqui e ali e rapidamente comunicamos com um sujeito ou vários sujeitos em simultâneo. Actividades como o turismo, o trabalho e a cultura (em sentido amplo) ilustram a fluidez da existência. Uma fluidez que se quer cada vez menos obstaculizada para ser bem-sucedida. Do ponto de vista económico, fluidez e sucesso são determinativas do lucro, o que pode avolumar a avidez e as consequências nefastas desta para a saúde e o ambiente. Por isso a ideia de “pensar globalmente e agir localmente” (Ellul,2014) impôs-se como expressão normativa duma racionalidade vigilante do egoísmo impiedoso e duma nova escravidão consentida. Tal ideia significa que local e global deixaram de ser conceitos espaciais disjuntivos, tendo-se associado no conceito de ‘glocal’ (Robertson,1995). Esta associação de global com local – o glocal – comporta aspectos negativos e positivos. Por um lado, negativamente, trouxe a ilusão da ubiquidade, a ilusão da disponibilidade permanente, a ilusão da transparência absoluta, na expressão de Vattimo (Vattimo,1990:29), e a ilusão do domínio humano sobre a vida, pensando que a vida se reduz à dimensão que o conhecimento humano tem dela. Mas por outro lado trouxe aproximação, libertação do confinamento das racionalidades locais, maior autenticidade e colocou novos desafios ao agir ético. Basta registar positivamente quer a possibilidade de comunicar com todos e em qualquer tempo, de maneira criativa e libertadora, quer o despertar da consciência para a manifestação do universal na cultura local das comunidades, quer, ainda, a superação da ideia de uma única racionalidade de qualidade superior. Consequência da superação da superioridade da razão ocidental é a visibilidade de outras “razões”. A este respeito da abertura a outras racionalidades escreve Vattimo: “Privé de l’idée d’une rationalité centrale de l’histoire, le monde de la communication généralisée explose sous la poussée d’une multiplicité de rationalités «locales» – minorités ethniques, sexuelles, religuieuses, culturelles ou esthétiques – qui prenent la parole” (Vattimo,2000:18). A visibilidade das diferenças e a